



**UNICAMP**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ECONOMIA

Projeto de Monografia

**DESIGUALDADE SOB O *RED SCARE*: UM ESTUDO DOS  
CONDICIONANTES GEOPOLÍTICOS E INSTITUCIONAIS DA  
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NOS PAÍSES CENTRAIS DURANTE A GUERRA  
FRIA**

LORENA SALCES DOURADO  
RA: 182214

ORIENTADOR: Me. GABRIEL PETRINI DA SILVEIRA  
SUPERVISOR: Prof. Dr. LUCAS AZEREDO TEIXEIRA

Campinas, novembro de 2020

## 1. Delimitação do tema e justificativa

O debate sobre a desigualdade tem ganhado cada vez mais protagonismo na mídia, na política e na sociedade. Essa preocupação crescente com o tema se converte em agenda política<sup>1</sup> e em novos trabalhos acadêmicos. O estudo da desigualdade é amplo, e com diferentes recortes possíveis – e necessários, a saber, de gênero, raça e classe-, embora esta pesquisa se inscreva no estudo da distribuição pessoal da renda, especificamente a desigualdade da renda do trabalho<sup>2</sup>.

O recente aumento da desigualdade de renda no mundo desenvolvido explica o renovado interesse no tópico. No entanto, estudos indicam que no período do imediato pós-guerra, até os anos 80, o quadro era outro: baixos níveis de desigualdade *pari passu* a redução da concentração de renda nas mãos do 1% mais ricos (ALVAREDO et al, 2013). É partindo dessa tendência de menor desigualdade que reside, portanto, o recorte temporal e espacial da monografia, através da análise dos países desenvolvidos da OCDE nos anos após a Segunda Guerra Mundial até a queda do Muro de Berlim em 1989.

A partir do estudo da camada 1% mais rica, Alvaredo et al. (2013) investigam a trajetória da concentração de renda sob uma perspectiva histórica e comparativa, tendo como enfoque os países da OCDE. Por meio de uma base de dados ampla de distribuição de renda, que vai do século XX ao XXI, os autores chamam atenção para dois movimentos centrais: a queda sustentada da concentração da renda no top 1% durante o pós-guerra até os anos 80 e, depois, uma tendência de crescimento desta concentração até os dias atuais.

Todavia, é importante ressaltar que esse crescimento da desigualdade de renda não foi uniforme entre o mundo desenvolvido: algumas economias diferem em relação a sua velocidade e intensidade. Nos EUA, a parcela de renda do top 1% mais que dobrou nos últimos 30 anos, enquanto em países como Japão, França ou Alemanha, o aumento visto foi muito menor (ALVAREDO et al., 2013). Apesar de ser um argumento frequente, buscar atribuir essa diferença ao impacto das novas tecnologias e da globalização sobre a oferta e demanda por competências mostra-se insuficiente, já que tais países possuem desenvolvimentos tecnológicos

---

<sup>1</sup> O ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e a então diretora do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, declararam que a redução da desigualdade é uma prioridade. Também é um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda ONU 2030, além de estar na pauta de diversos programas políticos.

<sup>2</sup> A distribuição pessoal da renda, em seu termo mais amplo, leva em conta todas as fontes de renda do indivíduo. Além da renda do trabalho, há também a renda do capital, que não será estudada aqui.

e produtivos semelhantes. Aí reside a importância de se analisar fatores de outra natureza, como explicam os autores:

Para nós, o fato de os países de alta renda com desenvolvimentos tecnológicos e produtivos semelhantes terem passado por diferentes padrões de desigualdade de renda no topo apoia a visão de que **as diferenças institucionais e de política desempenham um papel fundamental nessas transformações**. Histórias puramente tecnológicas baseadas unicamente na oferta e demanda de habilidades dificilmente podem explicar tais padrões divergentes. (ALVAREDO et al, 2013, p. 5, grifo nosso)<sup>3</sup>

Assim, a fim de melhor compreender os fatores que levaram a um crescimento da desigualdade de renda a partir dos anos 80, é preciso lançar os olhos para o momento anterior, e situar em quais circunstâncias foi possível atingir níveis satisfatórios de distribuição de renda nos países desenvolvidos. Desta forma, a justificativa desta pesquisa é que, investigar os elementos históricos-institucionais no período do pós-guerra nas economias centrais, pode lançar luz à compreensão da concentração de renda nos dias atuais.

Quando Atkinson (2016, p. 92) se refere à diminuição da desigualdade geral neste período, ele pontua que “as circunstâncias da época eram diferentes, mas a experiência do pós-guerra oferece lições valiosas para nós hoje em dia”, acentuando a importância de um estudo mais detalhado dos fatores explicativos, internos e externos, que configuram este quadro.

## 2. Revisão bibliográfica

O início do século XX é marcado por um contexto de destruição social, instabilidade econômica e convulsões políticas. A relativa estabilidade vivida pelo mundo durante a Pax Britannica (1815-1914) se transforma na “Era de Guerra Total”. Como ressalta o célebre historiador Hobsbawm (1994, p. 48), “a Primeira Guerra Mundial não resolveu nada. As esperanças que gerou (...) logo foram frustradas. O passado estava fora de alcance, o futuro fora adiado, o presente era amargo”.

Caminhando para os anos 1920 e 1930, no plano econômico, o cenário era desfavorável. Além dos impactos mundiais da Grande Depressão de 1929, marcas profundas deixadas pela Guerra nas sociedades europeias se manifestaram; na Alemanha, a hiperinflação, na França crises cambiais, na Inglaterra alto desemprego e arrochos salariais.

No que tange à correlação de força entre as nações, os EUA consolidam sua hegemonia após o desfecho da Segunda Guerra Mundial, em linha com a notória influência que já vinha

---

<sup>3</sup> Tradução livre da autora

sendo exercida nos anos anteriores, tanto pela posição de credores líquidos internacionais por conta dos empréstimos concedidos aos aliados e da centralidade financeira de *New York*, quanto pela exportação privilegiada de material bélico e alimentos (MAZZUCHELLI, 2009).

Enquanto as demais nações estiolaram-se em perdas humanas e materiais dramáticas, a gigantesca máquina de produção norte-americana moveu-se a pleno vapor. Mais ainda, ao longo da conflagração, a rápida estruturação de uma vigorosa e sofisticada indústria bélica conferiu um incontrastável poderio militar ao país. Ao final do conflito, em meio às dificuldades de reconstrução dos demais países, os EUA haviam se convertido em uma nação ainda mais rica e poderosa. Basta recordar que, em 1945, a economia norte-americana – pela dimensão do seu PIB – era superior à soma das economias da Inglaterra, URSS, França, Alemanha, Japão e Itália. Se a este dado acrescentar-se o monopólio então vigente da tecnologia nuclear (bomba atômica), não é difícil perceber que a ordenação mundial do pós-guerra deveria forçosamente passar pela consideração dos interesses norte-americanos (MAZZUCHELLI, 2013, p. 91-92).

Assim, os EUA, com o fim da Segunda Guerra, se afirmam enquanto potência nuclear, não somente econômica. Entre março e julho de 1947, a Doutrina Truman – cujo principal objetivo era o de deter o avanço da “ameaça comunista”<sup>4</sup> – foi entronizada na diplomacia norte-americana, e o Plano Marshall anunciado. Na sequência, Stalin cria o Cominform<sup>5</sup> e estreita o controle sobre o leste Europeu. Em 1948, Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e Luxemburgo, receosos da escalada comunista, assinaram o Tratado de Bruxelas. Um ano depois, o Tratado do Atlântico Norte<sup>6</sup> é assinado e a URSS testa sua primeira bomba atômica, primeiro passo dentre o enorme programa bélico soviético visto ao longo dos anos 50. Tem-se, então, um conflito muito peculiar configurado entre as duas grandes potências militares: a Guerra Fria (MAZZUCHELLI, 2013).

A história desse período foi condicionada pelo constante confronto geopolítico das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial, a URSS e os EUA – cujas implicações dominaram o cenário internacional da segunda metade do Século XX.

A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o

---

<sup>4</sup> Truman propôs a concessão de créditos para a Grécia e a Turquia, com o objetivo de sustentar governos alinhados ao capitalismo naqueles países. O discurso completo pode ser acessado em [https://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/trudoc.asp](https://avalon.law.yale.edu/20th_century/trudoc.asp)

<sup>5</sup> Organização internacional liderada pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS), cujo objetivo era promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários partidos comunistas da Europa. De fato, servia como instrumento de política externa da URSS.

<sup>6</sup> A organização instaurada com o tratado (OTAN), constitui um sistema de defesa coletiva através do qual os seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética. (HOBBSBAWM, 1995, p. 179)

Nas palavras de Winston Churchill, “de Estetino, no Báltico, até Trieste, no Adriático, uma **cortina de ferro** desceu sobre o continente”. O mundo dividia-se: nascia e alastrava-se, então, o *Red Scare*. O comunismo passa, portanto, a se tornar uma referência permanente na vida das nações (MAZZUCHELLI, 2013).

Junto a esse novo medo, há outro aspecto que merece consideração, como destacado por Mazzucchelli (2009, p. 56):

A emergência do comunismo no plano internacional veio ao encontro de uma tendência que se tornou inexorável com o próprio curso da guerra: **a participação das massas na cena política** (...). A dedicação de toda a sociedade a uma causa nacional por cinco longos anos alterou profundamente o sentido da política. (grifo nosso)

Essa mudança de cena traz consigo a “desindividualização” do desemprego, momento em que este deixa de ser visto como um fenômeno individual, de má sorte ou falta de qualificação, e passa a ser considerado responsabilidade do Governo, que deverá ter como pauta política a preservação de níveis satisfatórios de emprego (MAZZUCHELLI, 2009). O surgimento das reivindicações das massas assalariadas no cenário político alterará a correlação de forças entre Estado, mercado e sociedade e a decorrente *convenção social* que será vista no período pós-guerra.

O contexto de Guerra Fria impunha, entre as economias capitalistas, um consenso de paz. A Conferência de Bretton Woods é realizada sob esse *espírito de conciliação*, em que há uma necessidade explícita de reorganização do mundo capitalista de modo a tomar distância dos acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XX. É essencial atentar para a “articulação inegavelmente favorável que se forjou entre a ordem monetária e financeira internacional e a estruturação dos sistemas domésticos de crédito” (MAZZUCHELLI, 2013).

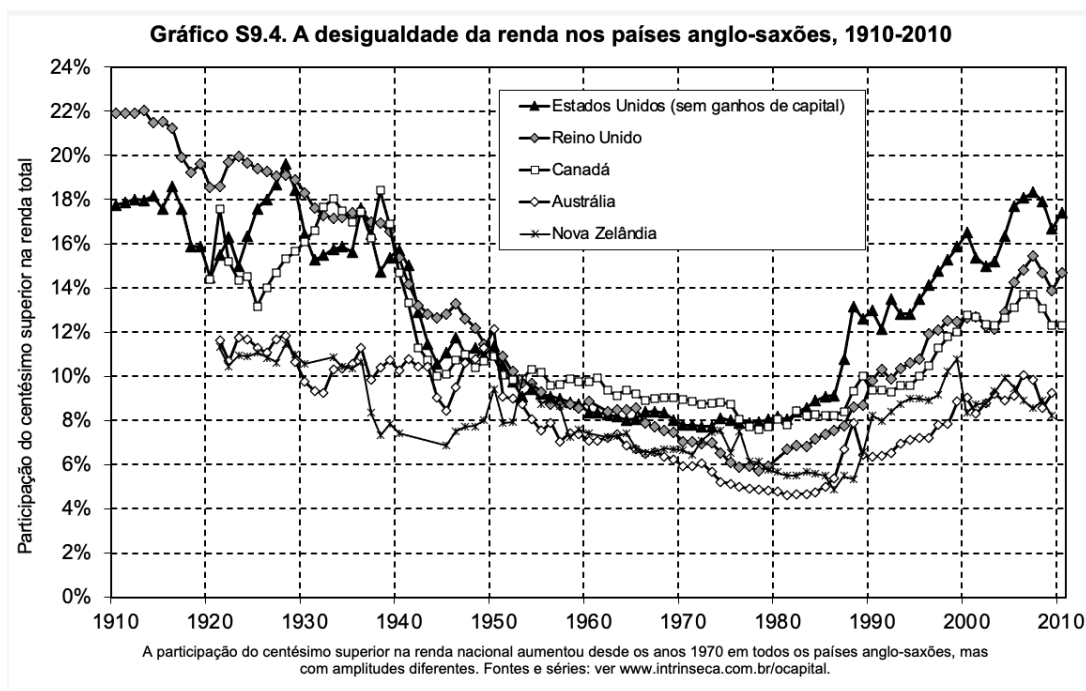
A criação de instituições supranacionais, como o FMI e o Banco Mundial, possibilitou a expansão do comércio internacional; e o controle dos fluxos de capital evitava a ocorrência de movimentos especulativos desestabilizadores, à maneira dos episódios assistidos nos anos 1920s e 1930s. Sob esta situação de estabilidade cambial e liberalismo comercial, o mundo capitalista se encaminha para a *Golden Age*.

Por quase três décadas, tendo a Guerra Fria como pano de fundo, o capitalismo demonstrou uma enorme capacidade de crescimento em termos mundiais. Na avaliação de Coutinho (2001, apud MAZZUCHELLI, 2009, p. 419):

Houve uma extraordinária onda de progresso econômico movida pela difusão de inovações, pela massificação do consumo de bens duráveis, pelo crescimento acelerado do emprego e, ainda, pela notável expansão dos mecanismos de proteção social. Havia virtuosismo entre as esferas econômica e social.

De acordo com a categorização de Hobsbawm (1995), todos os problemas que perseguiram o capitalismo em sua Era de Catástrofe (1914 a 1948) pareceram dissolver-se na Era de Ouro (1949 a 1973). O fantasma do desemprego em massa agora havia se transformado em um cenário de praticamente pleno emprego<sup>7</sup>; a pobreza era esquecida pela abundância de produtos industrializados do *american way of life*; às intempéries da vida haveria o “Estado previdenciário universal e generoso pronto a oferecer-lhes proteção” (HOBBSAWM, 1995).

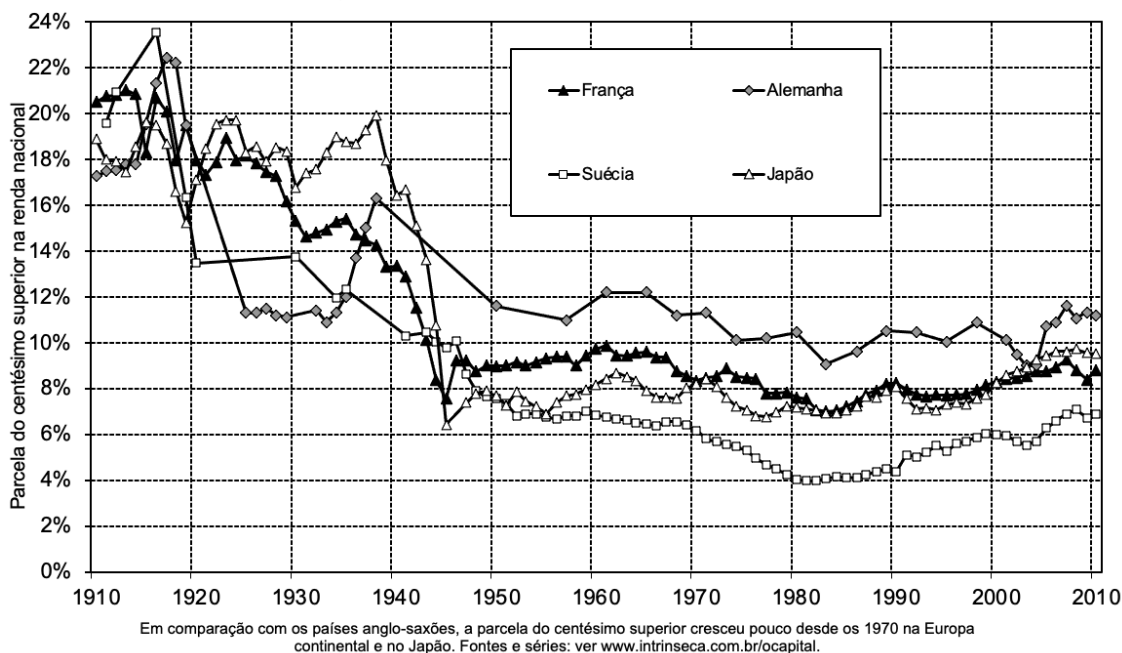
E como figura a desigualdade de renda neste quadro de *bonanza*? A literatura aponta para um grande declínio na desigualdade geral nos países centrais nas décadas imediatamente após a guerra, medida por meio do Índice de Gini, e, paralelamente, a redução da parcela do centésimo superior na renda nacional. Piketty, em seu livro “O capital no século XXI”, destaca empiricamente esse processo, com enfoque no top 1%, como nos gráficos abaixo.



Fonte: Piketty (2014, p. 308)

<sup>7</sup> Na década de 1960, a Europa tinha uma média de 1,5% de sua força de trabalho sem emprego e o Japão 1,3% (Van der Wee, 1987, apud Hobsbawm, 1995)

**Gráfico 9.3. A desigualdade da renda: Europa continental e Japão, 1910-2010**



Fonte: Piketty (2014, p. 309)

Tanto Piketty (2014) quanto Atkinson (2016) destacam os fatores institucionais e políticos como principais motores deste processo. Por um lado, o Estado de Bem Estar Social despendia mais recursos ampliando a rede de proteção social e transferências governamentais e, pelo lado da arrecadação, havia a tributação progressiva da renda. Nos EUA, no período de 1950 e 1979, a alíquota tributária sobre a renda no topo ficava em média em 75%, enquanto nos trinta anos seguintes ficou em média em 39% (ATKINSON, 2016). Ademais, outro aspecto essencial pontuado por ambos os autores é como se dava a regulamentação do mercado de trabalho naquela época, com o notório peso da barganha coletiva pelos sindicatos em prol dos trabalhadores.

Estes elementos apontam para a o papel relevante das *normas de justiça social* em vigor em cada contexto e sua íntima relação com à “história social, política e cultural específica de cada país” (PIKETTY, 2014, p. 302). Nesse sentido, é crucial olhar para a compressão dos diferenciais salariais nas economias centrais durante as décadas que se seguiram ao pós-guerra, com lentes históricas, geopolíticas e institucionais.

### 3. Formulação do Problema e Hipótese

Como destacado anteriormente, a literatura recente (PIKETTY, 2014, ALVAREDO et al, 2013, ATKINSON, 2016) estuda os aspectos que influenciaram a concentração e

distribuição de renda no período do pós-guerra, entre os países desenvolvidos. No entanto, tais estudos não deram enfoque específico ao impacto da Guerra Fria sobre a desigualdade de renda, talvez por terem se fixado muito nos elementos internos a cada país e dado menor peso ao contexto geopolítico. Consequentemente, estes autores perderam uma variável explicativa crucial em suas análises: a ascensão global do comunismo (SANT'ANNA e WELLER, 2020).

Já o artigo “The Threat of Communism during the Cold War: A Constraint to Income Inequality?” de André Santa’Anna e Leonardo Weller é uma exceção à literatura mencionada. À diferença dos demais autores, Sant’Anna & Weller (2020) atribuem grande relevância ao contexto de Guerra Fria e seus efeitos na desigualdade de renda dos países centrais. Foram estes autores que inspiraram a presente pesquisa.

Uma síntese da literatura empírica acerca dos condicionantes da concentração de renda pode ser observada na Tabela 1.

**Tabela 1. Literatura Empírica Recente**

<b>Autor</b>	<b>Período</b>	<b>Países</b>	<b>Principais Variáveis/Condicionantes</b>
Piketty (2014)	1910-2010	11 países da OCDE: Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália, França, Alemanha, Suécia, Japão, Dinamarca, Itália, Espanha	Taxação de altas faixas de renda e poder de barganha dos trabalhadores (regulamentações no mercado de trabalho)
Alvaredo et al. (2013)	1910-2010	18 países da OCDE: Estados Unidos, Reino Unido, Portugal, Irlanda, Canadá, Noruega, Itália, Japão, Austrália, Nova Zelândia, Suécia, França, Alemanha, Finlândia, Espanha, Suíça, Dinamarca e Holanda	Taxação de altas faixas de renda e poder de barganha dos trabalhadores
Atkinson (2016)	1945-1985	10 países da OCDE: Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Holanda,	Taxação de altas faixas de renda, poder de barganha dos trabalhadores, Transferências sociais



		Suécia, Dinamarca, Finlândia, Noruega, Alemanha	(Estado de Bem-Estar Social)
Sant'Anna e Weller (2020)	1950-1990	17 países da OCDE: Austrália, Canadá, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Japão, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido.	'Cold War Event': variável desenvolvida pelos autores que captura o efeito das ameaças comunistas ao redor do mundo.

Fonte: autoria própria.

De acordo com Sant'Anna e Weller (2020), a Guerra Fria criou um contexto favorável para o aparecimento de *"Estados de interesse comum"*, definidos por Besley e Person (2013, Apud SANT'ANNA e WELLER, 2020) como um consenso entre diferentes grupos de interesse que permite ao Estado aumentar a capacidade fiscal no intuito de proteger o *status quo*. Em outras palavras, a hipótese a ser investigada é que a ameaça comunista (*Red Scare*) fez com que as elites fossem menos resistentes a redistribuir renda através da taxaço.

O telegrama que George Kennan, emissário dos Estados Unidos em Moscou, enviou ao Secretário de Estado em 1946, pontua que a permanência do bloco ocidental sob a influência norteamericana em face da ameaça comunista "depende da saúde e vigor de nossa própria sociedade", que ele define como "o espírito de comunidade de nosso próprio povo"<sup>8</sup>.

Diante disso, a principal hipótese a ser testada é se as elites nacionais dos países desenvolvidos redistribuíram renda no pós-guerra a fim de evitar a revolução comunista no contexto de Guerra Fria. O *Red Scare* representaria, então, uma força que levaria à criação de *"Estados de interesse comum"*?

#### 4. Objetivos

O objetivo geral do projeto é investigar a relação entre a ameaça comunista e a desigualdade de renda nas economias centrais durante o período pós Segunda Guerra Mundial.

<sup>8</sup> O telegrama, conhecido como "The Long Telegram", está disponível na íntegra em <http://www.ntanet.net/KENNAN.html>

São três os objetivos específicos:

- a) Realizar um estudo da literatura de desigualdade de renda estabelecendo conexões com o contexto de *Red Scare*;
- b) Analisar em que medida elementos geopolíticos, históricos e institucionais ajudam a compreender a concentração de renda no top 1%;
- c) Examinar como o tratamento mais adequado de variáveis qualitativas pode ajudar a entender a queda da desigualdade no imediato pós-guerra.

## 5. Procedimentos metodológicos

A pesquisa procura realizar uma análise comparativa dos condicionantes geopolíticos e institucionais da distribuição de renda entre países da OCDE, durante os anos de 1945 a 1989. O método de análise será o Qualitative Comparative Analysis (QCA)<sup>9</sup>, desenvolvido por Charles Ragin em 1987, e a manipulação dos dados será realizada por meio da linguagem de programação R.

As variáveis que serão utilizadas envolvem dados de tributação, concentração de renda no topo da distribuição e outros fatores institucionais, que serão delimitadas ao longo da escrita da monografia. Já a variável central desta pesquisa, “Cold War Event”, formulada por Sant’Anna e Weller (2020), busca mensurar o impacto de um aspecto geopolítico, a Guerra Fria, na desigualdade de renda.

A dificuldade em medir empiricamente uma questão político-ideológica como a ameaça comunista é notória, evidenciando a importância do trabalho de Sant’Anna e Weller (2020). Esta pesquisa, entretanto, buscará um outro caminho no tratamento das variáveis. No lugar de utilizar o método econométrico tradicional – como realizado por Santa’Anna & Weller (2020) –, optou-se por uma abordagem comparativa, que combina a análise quantitativa (*variable-oriented*) e qualitativa (*case-oriented*) através de uma estratégia analítica de ‘causalidades complexas’ e teoria dos conjuntos. O método QCA possibilita, por meio da lógica booleana, (i) um processo interativo entre casos e teoria, (ii) encontrar diferentes combinações de variáveis que levam a um mesmo resultado, (iii) analisar a especificidade de cada caso (“cases as whole units”), como um *outlier*, por exemplo e (iv) é apropriado para um número de casos pequeno ou intermediário (RIHOUX e RAGIN, 2009).

---

<sup>9</sup> O método QCA foi inicialmente concebido como uma abordagem “macro-comparativa”, porque o objeto em questão necessita de pesquisa empírica no nível “macro” de sociedades, economias, estados ou outras formações sociais e culturais complexas (Berg-Schlosser & Quenter, 1996 Apud RIHOUX e RAGIN, 2009), sendo utilizado sobretudo no campo da Ciência Política (políticas comparativas) e Sociologia Histórica.

Assim, dada a complexidade de se analisar fatores históricos e institucionais do pós-guerra, entre uma amostra pequena de países da OCDE, o método QCA apresenta-se como um promissor tratamento de variáveis qualitativas. As bases de dados utilizadas para as variáveis serão as da World Inequality Database (WID), Banco Mundial, FMI, OCDE, Comparative Welfare States Dataset e Luxembourg Income Study Database.

Os procedimentos metodológicos do QCA (RIHOUX e RAGIN, 2009) consistem em:

- 1) Conhecimento teórico dos casos e variáveis;
- 2) Seleção dos casos: serão utilizados entre 15 a 20 países da OCDE;
- 3) Seleção das variáveis: concentração da renda na parcela 1% mais rica, dados de tributação, regulamentações no mercado de trabalho, “Cold War Event”, dentre outras que serão definidas à luz da literatura sobre desigualdade de renda;
- 4) Calibração dos dados;
- 5) *Truth table*: tabela que reúne a combinação de condicionantes em cada caso;
- 6) Resolução de contradições da *Truth table* e, se necessário, retorno ao estudo teórico dos casos;
- 7) Minimização lógica: utilizando a Álgebra Booleana;
- 8) Interpretação dos resultados.

## **6. Plano de Redação**

Introdução – objetivos, problemas e estrutura da monografia

Capítulo 1 – A desigualdade de renda – panorama teórico

1.1 – Relevância da distribuição pessoal da renda

1.2 – Determinantes teóricos da distribuição pessoal da renda

1.3 – Determinantes históricos e institucionais

1.3.1 – Hipóteses a serem testadas

Capítulo 2 – A desigualdade de renda – panorama histórico e fatos estilizados

2.1 – Guerra Fria

2.2 – Apresentação dos dados de desigualdade

2.3 – Distribuição pessoal em uma perspectiva comparada

2.3.1 – Apresentação de outros trabalhos empíricos

3 – Método QCA

3.1 – Apresentação e justificativa da metodologia QCA

3.2 – Adequação dos dados e da metodologia (calibragem)

3.3 – Apresentação e discussão dos resultados

Conclusão

## 7. Cronograma

<b>ETAPAS DA PESQUISA</b>	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X						
Redação do Capítulo 1		X	X							
Coleta e compilação de dados				X						
Produção de gráficos e tabelas				X						
Redação do Capítulo 2				X	X					
Leitura de textos complementares					X	X				
Adequação dos dados e calibragem						X				
Redação do Capítulo 3						X	X			
Finalização (conclusão e introdução)								X	X	
Versão final da monografia										X

## Referências Bibliográficas

ALVAREDO, Facundo et al. The top 1 percent in international and historical perspective. **Journal of Economic perspectives**, v. 27, n. 3, p. 3-20, 2013.

SANT'ANNA, André Albuquerque; WELLER, Leonardo. The Threat of Communism during the Cold War: A Constraint to Income Inequality? **Comparative Politics**, v. 52, n. 3, p. 359-393, 2020.

ATKINSON, Anthony B. **Desigualdade**: o que pode ser feito? São Paulo: LeYa, 2016.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAZZUCCHELLI, Frederico. **Os anos de chumbo**: economia e política internacional no entreguerras. São Paulo: Editora Unesp; Campinas: FACAMP Editora, 2009.

MAZZUCCHELLI, Frederico. **Os dias de sol**: a trajetória do capitalismo no pós-guerra. Campinas: FACAMP Editora, 2013.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

RIHOUX, B.; RAGIN, C. Qualitative Comparative Analysis (QCA) as an Approach. In: **Configurational Comparative Methods**: Qualitative Comparative Analysis (QCA) and Related Techniques. 2455 Teller Road, Thousand Oaks California 91320 United States: SAGE Publications, Inc., 2009.

SANDES-FREITAS, Vitor; BIZZARRO-NETO, Fernando. Qualitative Comparative Analysis (QCA): usos e aplicações do método. **Revista Política Hoje**, v. 24, n. 2, p. 103-118, 2015.